

A INSCRIÇÃO DA 'VIDA DE ESOP' NAS PRIMEIRAS COLEÇÕES DE FÁBULAS EM PORTUGUÊS: *LIVRO DE EXOPO* (SÉC. XIV) E *VIDA E FÁBULAS DO INSIGNE FABULADOR GREGO ESOP* TRADUZIDAS POR MANUEL MENDES DA VIDIGUEIRA (1603/1643)

ANA PAIVA MORAIS

Universidade Nova de Lisboa, FCSH-IELT¹

Resumen

Con frecuencia, la *Vida de Esopo* se encuentra en las colecciones de fábulas posteriores a la impresión de Steinhöwel de 1476 – *Esopo de Ulm* – como prólogo. Su situación de escalón previo sirve excelentemente para inscribir la marca del autor y legitimar, a finales de la Edad Media, las colecciones de fábulas. La segunda de las dos primeras colecciones en portugués actualmente conocidas – *Livro de Exopo* (século XIV) e *Vida e fábulas do insigne fabulador grego Esopo traduzidas por Manuel Mendes da Vidigueira* (1603/1643) – sigue la tradición que empezó en el *Esopo* de Ulm. La primera, que es anterior a la edición de Steinhöwel, no incluye la *Vida de Esopo*. Sin embargo, presenta en su prólogo algunos datos biográficos del poeta griego, lo que resulta ser un trazo singular en el conjunto de las colecciones coevas y de las que la procedieron. En este artículo, examinaré las marcas de la vida de Esopo inscritas en el prólogo del *Livro de Exopo* y en la *Vida de Esopo* de la colección de 1603/1643 y analizaré los modos de construcción textual del autor de fábulas.

Palabras clave: fábulas – vida de Esopo – biografía

Abstract:

A *Life of Aesop* has often been included in fable collections printed after Steinhöwel's 1476 edition, also known as the *Ulm Aesop*. It's location before the fables – as a prologue, where the author is usually introduced –, has been used efficiently in late medieval fable collections to confirm the fable as a genre. Of the two first known books of fables in portuguese – the *Livro de Exopo* (14th century) and the *Vida e fábulas do insigne fabulador grego Esopo* translated by Manuel Mendes da Vidigueira (1603/1643) – only the second one opens with a *Life of Aesop*, since it is the first to be published in portuguese after the *Ulm's Aesop* was printed. As for the *Livro de Exopo*, it also includes several topics from Aesop's biography, something that rarely happens in contemporary or earlier collections. This article examines the inclusion of topics from Aesop's biography both in the *Livro de Exopo's* prologue and in the *Vida de Esopo* (*Life of Aesop*) from

¹ Este artigo é apresentado no âmbito do projecto "A Fábula na Literatura Portuguesa: Catálogo e História Crítica", PTDC/CLE-LLI/100274/2008, financiado pela FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, e tem por instituição de acolhimento a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e por unidade de investigação de acolhimento o IELT – Instituto de Estudos de Literatura Tradicional.

Mendes da Vidigueira's collection, and it aims to show how the author becomes a fictional character in these two collections of fables.

Key words: fables – life of Aesop – biography

1. MARCAS DA BIOGRAFIA DE ESOPO NO LIVRO DE EXOPO

As duas primeiras colecções completas de fábulas em língua portuguesa actualmente conhecidas apareceram numa época relativamente tardia, se compararmos o desenvolvimento das colecções de fábulas em português com o dos fabulários em outras literaturas europeias.

A primeira delas, denominada, na sua última edição, *Livro de Exopo*, é datada do século XIV na sua redacção primitiva, compõe-se de 63 fábulas em prosa e dos respectivos epímitos moralizados, e é encabeçada por um prólogo. Desta colecção em versão portuguesa conhece-se um único manuscrito, do século XV, que está conservado na Biblioteca Nacional de Áustria com a cota 3270*, onde foi descoberto acidentalmente por José Leite de Vasconcelos em 1900 e que conheceu, até à data, três edições: J. Leite de Vasconcelos, na *Revista Lusitana* (Vasconcelos 1906); Juvino Alves Maia Junior, que dela estabeleceu uma edição crítica em dissertação de mestrado apresentada à Universidade de São Paulo em 1993 (Maia Junior, 1993); Adelino Almeida Calado, que editou o *Livro de Exopo* em 1994 (Calado, 1994).

A genealogia do fabulário português, traçada com base em análises do próprio Vasconcelos (1906) e de Keidel (1908), e actualizada por Calado (1994), demonstra que esta colecção entronca na paráfrase realizada no século XII, em Inglaterra, por autor anónimo que se acreditou ser Walter ou Gualterus Anglicus, hoje habitualmente denominada *Anonymus Neveleti*, e segue a versão ampliada, que contém 63 fábulas.

O cotejo das fábulas do *Livro de Exopo* e do *Anonymus* confirma que a colecção portuguesa seguiu a tradição deste último, apesar de não se crer que tenha sido por via directa, mas antes remotamente, baseada naquela colecção, por meio de um modelo intermédio, coligido em prosa latina, que, segundo Keidel, teria sido uma cópia italiana (Vasconcelos, 1906: 99 e 102 e Keidel, 1908: 92-94). Apesar destes contributos, são ainda grandes as dificuldades em determinar com alguma precisão a fonte próxima do tradutor do *Livro de Exopo*, assim como subsistem problemas consideráveis na percepção das alterações que foram introduzidas no texto português, ainda que seja possível identificar o conjunto de provérbios portugueses introduzidos no texto como uma marca provável de intervenção de cunho pessoal (Calado, 1994: 9), tal como notaram Vasconcelos e Keidel, corroborados por Calado.

A estes problemas levantados pela colecção medieval em língua portuguesa acresce um outro a que aqui daremos maior atenção: o da autoria do fabulário, ou mais precisamente, o da representação do autor de fábulas no *Livro de Exopo*. Na sua recensão do *Livro de Exopo* editado por Vasconcelos e publicado em 1906, Keidel dedicou uma larga parte do seu texto ao exame das fontes deste fabulário, dando particular

desenvolvimento àquela que é referida no prólogo (Keidel, 1908: 90)². Com efeito, a única fonte directamente citada pelo autor do *Livro de Exopo* é o *Livro da vida e dos costumes dos filósofos*, do qual não se conhece cópia medieval em língua portuguesa, mas de que existem três testemunhos em espanhol com o título *Vida y costumbres de los viejos filósofos*³, derivadas da versão latina da autoria do inglês William Burley, *Liber de vita et moribus filosoforum*, que teve larguíssima difusão ao longo dos séculos XIV e XV (Knust, 1886). William, por sua vez, terá usado como fonte da vida de Esopo ou directamente a colecção de fábulas de Vincent de Beauvais, inserida no *Speculum Historiale* (Vincent de Beauvais, 1624), ou uma fonte comum a esta obra (Knust, 1886), o que permite concluir, como o fez Keidel, que o texto do *Livro de Exopo* no que respeita à vida de Esopo está, de certa forma, ligado ao do autor francês por intermédio da obra citada no prólogo, ainda que as conexões entre estes textos careçam de esclarecimentos mais precisos⁴.

Em todo o caso, a invocação do nome de Esopo na abertura das colecções parece ter tido, desde muito cedo, o efeito de contrariar a dispersão de um corpus que de carácter marcadamente heterogéneo, se tivermos em consideração a constituição das primeiras colecções (Biscéré, 2009: 9-17)⁵, dispersão que se manteve como uma força activa na vida deste género. Por outro lado, a referência a Esopo nos prólogos também permitiu contrariar a oscilação ou a indefinição das fábulas entre narrativa e moral e diminuir a própria falta de clareza dos termos ‘mythos’ e ‘logos’ nas suas várias aplicações em tratados técnicos sobre a fábula na Antiguidade devido à sua polissemia (Dijk, 1993). Compreende-se que as elaborações históricas à volta do nome do profabulador possam ter contribuído, em primeiro lugar, para conferir algum grau de estabilidade, e de credibilidade, a um conjunto de narrativas de valor e função imprecisos.

Assim, como recorda van Dijk, desde a Antiguidade Clássica, a associação do nome de Esopo às fábulas processa-se de quatro maneiras possíveis: 1 - a fábula é apresentada como sendo contadas por Esopo; 2 - Esopo é a personagem principal da

² São identificados por Keidel quatro grupos de fontes do *Livro de Exopo*: 1º - as que se referem à vida de Esopo que constitui a primeira parte do prólogo; 2º - relativas à caracterização das fábulas na segunda parte do prólogo; 3º - respeitantes às fábulas propriamente ditas; 4º - fontes referentes aos epítetos moralizados, com as suas explorações alegóricas, as referências e as citações de outras obras.

³ Knust editou uma versão da *Vida y costumbres...* a partir do manuscrito escurialense, o único conhecido na época. Recentemente, Francisco Crosas (Crosas 2002) editou um outro testemunho deste texto.

⁴ Note-se a persistência, nas traduções francesas do *Speculum historiale*, dos motivos inseridos no prólogo do *Livro de Exopo*: Hugues Vaganay (1913): 67-82.

⁵ Ao analisar a constituição do corpus das fábulas na tradição grega, A. Biscéré introduz uma importante questionação acerca da relação entre o autor e o género: “Telle est donc la nature du corpus des ‘Fables d’Ésope’: un ensemble hétérogène et relativement tardif, une trame fabuleuse à plusieurs mains, dont la plus ancienne collection est, au mieux, contemporaine de Phèdre, au pire, bien postérieure à Babrius. Pour nous, modernistes, lecteurs de La Fontaine, le plus important est maintenant de savoir comment les éditeurs scientifiques, et à leur suite les éditeurs et traducteurs qui ont mis à la portée de tous le texte des fables grecques, se sont arrangés de cette situation. Que lisons-nous, nous lecteurs français, lorsque nous lisons ce qui nous est présenté comme des ‘Fables’ d’Ésope dans l’édition bilingue de Chambry ou dans celle plus récente de Daniel Loayza par exemple?” (Biscéré: 2009: 17b).

fábula; 3 - diz-se da fábula que é 'de Esopo'; 4 - ou que é 'esópica' (van Dijk 173-74). Também na Idade Média, a permanência do nome de Esopo no título em detrimento do nome de outras instâncias autorais mais recentes mostra quão importante é o nome do autor para a percepção das fábulas enquanto tal, e é possível afirmar, como Brun, que no caso das fábulas o que distingue a obra é o seu autor (Brun, 2004: 27)⁶.

No *Livro de Exopo*, é a situação descrita por van Dijk em 1 que predomina, e ela verifica-se no contexto do prólogo e não de uma ou várias fábulas em particular, aplicando-se, assim, a toda a colecção na sua generalidade. O nome de Esopo é citado por três vezes no prólogo do fabulário português, em estreita conexão com a tradição biográfica desde cedo estabelecida, e, mais em particular, com a configuração biográfica do autor no *Speculum Historiale*, onde ele figura em igual número de referências onomásticas, para além de se verificar a coexistência, nos dois textos, de vários elementos da vida de Esopo. Note-se que as referências ao nome superam em quantidade as da própria fonte referida no prólogo, o que parece indicar uma particular insistência do texto português na biografia de Esopo, que é tanto mais evidente quanto ela é sublinhada pela repetida inscrição histórica do autor: "Conta-se que no tempo dell.rrey Çiro, rrey de Persia, este autor vivia", (*Livro de Exopo*: 38, linhas 1-2) e mais abaixo, "Aqueste Exopo, no primeyro anno do predicto rrey Çiro, sse conta que fosse morto de maa morte per emveja" (*Livro de Exopo*: 38, linhas 9-11). A vida de Esopo encontra-se, pois, toda ela circunscrita historicamente pela figura do rei Çiro, o que contribui para aprofundar a vertente biográfica da figura tutelar das fábulas e para situar as próprias fábulas dentro de uma moldura histórica, além do enquadramento narrativo que a biografia de Esopo também lhes fornece. No entanto, esta relação histórica nada retira à componente lendária que mantém a vida de Esopo no fabulário português, mas antes é uma modalidade da atribuição da autoria que reforça a unidade das fábulas e, assim, sublinha a lógica da sua reunião no livro (West, 1984: 105-135)⁷. Por um lado, a insistência na vida do autor de fábulas, e, por outro lado, a brevidade desta e a sua inclusão num prefácio que se apresenta composto e como grande complexidade - onde à biografia se junta a descrição da estrutura da colecção e a explicitação do sentido alegórico das fábulas -, revelam a flexibilidade do enquadramento biográfico, de tal modo que este assegura a unidade na colecção, mas fá-lo de modo suficientemente vago e flexível para permitir a incorporação de alterações e adequações particulares, não só no prólogo como também, e sobretudo, nas fábulas da colecção.

Assim, a autoria de Esopo tem uma função específica, mas ela é mais uma consequência da própria natureza imprecisa e iterativa da fábula do que um factor que possa determinar a configuração das fábulas. A atribuição da autoria insere-se na economia do género da fábula, tal como a matéria trabalhada - "Este Exopo, em

⁶ Consulte-se mais demoradamente o referido artigo de L. Brun (2004: 23-30) para uma apreciação extensiva da importância da voz do fabulador medieval nas colecções de fábulas, nomeadamente na construção dos títulos e através das menções ao autor nos prólogos.

⁷ West sublinha a importância da atribuição biográfica na passagem da circulação dispersa das fábulas à constituição das colecções de fábulas.

aqueste sse livro, poem muytas estorias ffremosas d.animalias, de homões e de aves e de outras cousas, segumdo em elle veredes” (Calado, 1994: 38, linhas 12-14) – ou a configuração alegórica do sentido quando se usa o recurso às figuras e fórmulas tradicionais da interpretação integumental nas colecções de fábulas:

E assemelha este sse livro a hũu orto no quall estam flores e fruytos. Pellas frores sse emtemdem as estorias e pello fruyto sse emtemde a semtença da estoria. E comvida os homões e amoesta.os que venham a colher das frores e do fruyto. Ainda compara este sse livro aa noz, que ha dura casca, e aos pinhoões, que demto teem ascomdido o meolo, que he ssaborido. Assy este livro tem em ssy escondido muytas notavees semtenças. (Calado, 1994: 38, linhas 17-26)

Neste sentido, é lícito afirmar, como fez Jean-Marie Schaeffer, que a autoria biográfica surgiu graças a um dispositivo de projecção ficcional da origem da fábula. Esta projecção da origem é uma das características constituintes deste género. Por um lado, ela opera retroactivamente ao instituir um pai do género, e, por outro lado, prospectivamente pela dimensão transtextual de que se reveste esta paternidade quando se aplica aquela autoria a todas as fábulas em geral, sejam elas de existência dispersa ou coligidas em fabulário (Schaeffer, 1985: 345-364). A fábula esópica exerceu, desde a Antiguidade, uma forte pressão genológica sobre outras formas da fábula graças à qual a figura do Esopo inventor do género pôde suplantar, no ocidente, outros potenciais responsáveis, tais como o sábio Pilpay e acabar por assimilar tradições variadas das fábulas à dinâmica da origem esópica.

No *Livro de Exopo*, é curioso notar que a forte marca da autoria existente no prólogo não se repercute da mesma forma nas fábulas, onde o contexto de enunciação tende a eliminar as marcas de uma autoridade personalizada. As fórmulas de introdução das narrativas e dos epimítios moralizados em cada uma das fábulas são significativamente estereotipadas. Até à fábula 17, “O cãozinho e o asno”, a primeira parte das fábulas é introduzida pela expressão “Comta.sse que...” e a moral inicia-se por “Em aquesta hestoria o doutor diz que...”. A partir daqui, estas expressões são substituídas, respectivamente, por “Pom este doutor (ou poeta) em exemplo e diz que...” e “Per este emxemplo este doutor nos amostra que...”. À medida que a colecção vai avançando, a referência ao ‘poeta’ como *auctoritas* tende a substituir a de ‘doutor’, podendo, por vezes, fundir-se em ‘doutor poeta’⁸. Seja qual for a expressão usada, a tónica é posta na impessoalidade, sendo a instância de enunciação remetida para uma figura de autoridade não nomeada, mas que não se confunde nem com o inventor do género nem com o redactor. É de salientar, também, a marca acentuada na vertente didáctica das fábulas pelo predomínio do termo ‘emxemplo’ ou, menos frequentemente, ‘ensinamento’, que se aplicam tanto à parte narrativa da fábula como à moralidade, criando o efeito de uma obra inteiramente didáctica e sem grandes concessões à vertente de entretenimento nem a elaborações estilísticas que carreguem uma marca de autor. Todas estas características das fábulas no *Esopo* português concorrem para atenuar a marca da figura autoral que está presente no prólogo, e criam, entre o prólogo e as fábulas, uma separação mais profunda do que acontece na generalidade dos livros de fábulas baseados na tradição do *Anonymus Neveleti*,

⁸ É excepção a fábula 49, “Os atenienses e o seu rei”, que entra abruptamente na narrativa.

distinção esta que poderá ficar a dever-se à provável origem eclesiástica do redactor do nosso fabulário, que foi sublinhada tanto por Vasconcelos (1906: 102) e por Keidel (1908: 89) como, mais tarde, por Calado (1994: 15 e 20). Porém, tal não elimina a força de unidade que é conferida à colecção pela autoria biográfica inserida no prólogo do *Livro de Exopo*.

2. A TRADIÇÃO DA “VIDA DE ESOPPO” NA VIDA E FÁBULAS DO INSIGNE FABULADOR GREGO ESOPPO DE MANUEL MENDES DA VIDIGUEIRA

A colecção de fábulas intitulada *Vida e Fábulas do Insigne fabulador grego Esopo, de novo juntas & traduzidas com breves applicaçoes moraes a cada fábula por Manuel Mendes da Vidigueira* foi publicada pela primeira vez em Évora, por Manuel de Lyra, em 1603. Desta edição não me foi possível, até ao momento, encontrar rasto a não ser algumas breves referências em catálogos⁹. Do tradutor, também muito pouco se sabe além do que Barbosa de Machado regista na sua *Biblioteca Lusitana* (1752: 308-309), e que foi retomado pela crítica de uma forma geral. Segundo esta fonte, trata-se de um erudito oriundo da vila alentejana da Vidigueira que terá ensinado letras humanas, filosofia e preceitos de gramática da língua latina em Sevilha, em várias terras do Alentejo, e no Algarve, na cidade de Lagos, por ordem do Bispo do Algarve D. Fernão Martins Mascarenhas. Também é referido que traduziu Diodoro Siculo e que compôs o *Discurso em louvor da Arte de Grammatica adicionada pelo P. Antonio Velez* e o *Romance ao Numero Ternario*, em coplas. Não me deterei aqui na fortuna notável que teve a sua colecção de fábulas, mas fixar-me-ei naquilo que a distingue do livro de fábulas medieval de que acima tratei no que se refere às marcas da vida de Esopo.

Na realidade, esta é a primeira colecção em língua portuguesa a incluir a *Vida de Esopo*, que lhe serve de prólogo. Sigo, aqui, a orientação de Jeanne-Marie Boivin (2001: 69-87) que considera como um prólogo a *Vida de Esopo* que antecede a colecção de fábulas de Julien Macho. Nesta medida, esta colecção é também a primeira impressa em Portugal a seguir a tradição, que muito se difundiu na Europa a partir do último quartel do século XV, que faz acompanhar os livros de fábulas deste texto (Perry, 1933). A *Vida de Esopo* nesta colecção tem muitos traços de semelhança com outras ‘Vidas de Esopo’ que se propagaram com base na tradução de Remicio (1448), e é certamente baseada nesta tradição narrativa, mas apresenta, também, algumas particularidades que são dignas de nota.

Em primeiro lugar, nota-se um número consideravelmente mais reduzido de episódios na *Vida* portuguesa do que na generalidade das traduções elaboradas a partir da de Steinhöwel, que tomou por base a versão latina de Remicio, referindo-me essencialmente a duas: a de Julien Macho (Lyon, 1480) e a que está incluída no *Esopete ystoriado* (Toulouse, 1488). Não só os episódios são em número menor como também são bastante menos desenvolvidos. No entanto, a diferença mais significativa está no peso muito inferior, ou mesmo nulo, dado pelo fabulário português às fábulas na *Vida de Esopo*. Surpreendente a ausência de fábulas na tradução de Manuel Mendes,

⁹ Por este motivo, baseio as observações feitas neste artigo na edição de 1643, que foi a primeira a ter repercussão significativa, que chegou a ter dimensão internacional.

enquanto na tradição de Steinhöwel surgem várias fábulas a pontuar a biografia de Esopo, geralmente inseridas na fase final desta. Assim, a primeira fábula proferida por Esopo na *Vida* de Julien Macho, é a do acordo de paz entre os lobos e as ovelhas (M 55)¹⁰, e é narrada num momento crucial do conflito entre os Sâmios e o rei Creso para advertir os primeiros dos perigos de se separarem do seu maior trunfo, ou seja, o próprio Esopo, o conselheiro que já os tinha conduzido à vitória em várias ocasiões. Depois desta, Esopo narra mais cinco fábulas, sempre oferecidas como conselho e como prova da sua sabedoria¹¹. A ligação entre a narração das fábulas por Esopo e a sua capacidade para decifrar os enigmas serve para demonstrar cabalmente que a fábula se enquadra nas técnicas do domínio da palavra. Nessa medida, a 'Vida...' tem como função na colecção de fábulas manifestar as excepcionais qualidades discursivas e interpretativas de Esopo, e assim fica justificada a sua autoria das fábulas.

Este programa de autorização de Esopo através da sua biografia é muito claro tanto na '*Vie d'Ésope*' na colecção de Macho como na '*Vida del Esopo*' no *Esopete ystoriado*. Mas a tradução de Manuel Mendes da Vidigueira, que é muito mais abreviada, não poderá ser considerada no mesmo patamar daquelas no que se refere à representação de Esopo como figura autoral. Não tendo meios suficientes para identificar a fonte directa da tradução da *Vida de Esopo* para português, resta-nos compará-la com outros exemplos desta tradição narrativa de onde ela proveio indubitavelmente.

A primeira ausência digna de nota na *Vida de Esopo* em português é a do episódio em que Esopo recupera a fala. Na economia narrativa deste texto nas outras versões, esta é uma etapa fundamental da biografia do protofabulador, na medida em que ela justifica e sublinha a relação específica com a palavra que ele irá desenvolver ao longo do seu percurso de vida e que culminará com a sua morte, também provocada pelo seu uso temerário das palavras. É importante notar que neste episódio aparecem certas marcas do maravilhoso, nomeadamente através da intervenção divina da deusa da Hospitalidade (M 6) ou a deusa da piedade e da caridade (EY 3) que atribui o dom da fala a Esopo, marcas estas que são totalmente ignoradas pelo tradutor português. Ainda na perspectiva da construção da competência oratória do autor de fábulas, é de assinalar outra ausência na colecção de Manuel Mendes, o episódio das línguas, que também está intimamente relacionado com o domínio da palavra (M 32-35 e EY 13). Note-se que *A vida del Esopo* no *Esopete Ystoriado* tem uma carga de fábulas superior à da colecção de Macho, que são apresentadas não só através da narração, mas também da alusão (p.e. a alusão à fábula do galo e da pedra preciosa na parte introdutória), e, ainda apresenta uma acentuada tendência para a teorização da fábula (Burrus e Goldberg, 1990). Na *Vida...* da colecção de Manuel Mendes, por outro lado, encontramos muito poucos vestígios desta tónica na fábula, que se limita a uma breve referência, no momento da sua libertação, ao livro de fábulas composto por Esopo que o tradutor apresenta:

¹⁰ As fábulas da '*Vie d'Ésope*' na colecção de Julien Macho serão sempre indicadas pela sigla M, as fábulas da '*Vida del Esopo*' do *Esopete ystoriado*, pela sigla EY e as fábulas da '*Vida de Esopo*' de Manuel Mendes da Vidigueira pela sigla MMV.

¹¹ "O rato e a rã" (M 70), "a jovem a quem meteram o sentido no corpo" (M 73), "o homem que nunca tinha estado na cidade" (M 73) e "a rapariga que foi violada pelo pai" (M 74).

Outros muitos casos sucederão a Esopo com Xanto, que deixo por brevidade, até que veio a ser livre, & governar a Samo, conde compos em lingua Grega este volume de fabulas, com outras muitas obras, que ainda nam foram traduzidas. (Mendes da Vidigueira, 1643: 6).

A narração de fábulas é, pois, esbatida e, em seu lugar, é salientado o talento de Esopo para a decifração de enigmas, sem que estes, no entanto, sejam explicitamente associados à fábula. Porém, esta qualidade do Esopo decifrador de enigmas é referida na sequência da sua libertação, o que, implicitamente, associa à liberdade o desenvolvimento do domínio da palavra.

Naturalmente, ao referir expressamente que as fábulas “ainda não foraõ traduzidas”, o tradutor procura enaltecer a sua tarefa, apresentando a tradução como um gesto de refundação do género da fábula numa outra língua, o português. Assim, a tradução das fábulas de Esopo a partir do grego, além de ser referida no texto da ‘*Vida...*’, é também anunciada no título em várias edições desta colecção: *Vida e fábulas do insigne fabulador Grego Esopo de novo juntas e traduzidas com breves applicações moraes a cada fábula* (1643) ou *Fábulas de Esopo, traduzidas da língua grega, com applicações moraes a cada fábula, por Manuel Mendes da Vidigueira* (1778). Não temos meios que possam comprovar que a tradução de Manuel Mendes da Vidigueira se tenha, efectivamente, realizado com base num modelo grego, apesar de as funções que exerceu poderem indiciar uma razoável familiaridade com os autores clássicos numa época em que o conhecimento dos gregos estava em franca expansão na Europa ocidental. A avaliar pelas estratégias de confirmação autoral assentes na figura de Esopo, parece lícito conjecturar que esta forma de apresentar a tradução tenha tido como objectivo acentuar o gesto de remissão para uma origem remota da fábula, próxima da figura do Esopo inventor da fábula. Assim, afigura-se-nos muito possível que a tradução de Manuel Mendes tenha sido elaborada, não directamente do grego, mas com base num modelo latino, por sua vez traduzido do grego, o que me parece corresponder a uma linhagem de tradução mais próxima do que se praticava desde o século XV na Europa, fundamentalmente a partir da vulgata de Planudes (Perry, 1933). Efectivamente, tudo leva a crer que o erudito português não tenha tido conhecimento da colecção medieval em língua portuguesa, apesar de se pensar que o manuscrito 3270*, que a conservou, ainda estaria em Portugal no século XVII (Calado, 1994: 22), e que ele genuinamente acreditou estar a realizar a primeira tradução das fábulas de Esopo para o português.

Mas, se na colecção em português de seiscentos a tradução é um gesto que se junta às demais estratégias de autorização da fábula, a verdade, porém, como vimos, é que a ligação da *Vida de Esopo* à colecção de fábulas é aí consideravelmente ténue, existindo entre as duas partes do volume uma distinção da matéria narrativa bastante mais vincada do que nas colecções que a antecederam. Assim, embora haja uma remissão para a biografia do fabulador no epímítio da fábula ‘Juno e o pavão’, as fontes invocadas, sempre nos epímítios, são, sobretudo, clássicas ou de cunho renascentista: (três referências a Horácio; duas a Marcial; duas a Baptista Fulgoso; uma a Mimo Publicano; uma a Appinio Polibo; uma a Aulio Gelio; uma a Alciato, e, ainda, uma referência mitológica ao sábio Ulisses)¹². Ao mesmo tempo, estas referências surgem,

¹² MMV 17, 27, 32, 40, 44, 73, 75, Sup. II, Sup. XI.

por vezes, para confirmar o tempo presente e para implicar o sujeito da enunciação na fábula através da moral, como acontece no epimítio da fábula 'o lobo e o grou' que começa assim: "Diz Mimo Publicano [...] e eu assim o entendo" (MMV, XVII).

Podemos concluir que a inscrição da *Vida de Esopo* na colecção de fábulas traduzida por Manuel Mendes da Vidigueira no início de seiscentos obedece a convenções literárias consideravelmente distintas das que nortearam a inclusão de elementos biográficos do profotabulador nos livros de fábulas tardomedievais. Esopo não se apresenta textualmente de modo tão acentuado como um mestre nas artes da palavra, nem como uma autoridade intradiegetica potenciadora, num nível metapoético, de outras *authoritates* referidas nos prólogos ou nas fábulas. Neste caso, a sua marca autoral recua na *Vida* e, mais ainda, nas fábulas, onde surgem outras modalidades concorrenciais de garantir a legitimidade do género.

BIBLIOGRAFIA

- Adrados, F. R. et alii (eds.) (1984). *La Fable. Huit exposés suivis de discussions*. Fondation Hardt, Genève.
- Biscéré, A. (2009). "Les fables d'Esope: une oeuvre sans auteur?", *Le Fablier*, 20: 9-25.
- Boivin, J.-M. (2001). "La Vie d'Esope: un prologue original d'un recueil de fables de Julien Macho", *Reinardus*, 14: 69-87.
- Boivin, J.-M. (1998). "Prologues et épiloques des isopets", *Reinardus*, 11: 3-23.
- Brun, L. (2004). "La voix du fabuliste médiéval à travers les isopets", *PRIS-MA*, 1-2: 23-40.
- Burrus, V. A. and Goldberg, H. (eds.) (1990). *Esopete ystoriado (Toulouse 1488)*, Madison, The Hispanic Seminar of Medieval Studies.
- Calado, A. de A. (1994). *Livro de Exopo*. Coimbra: Separata do Boletim Bibliográfico da Biblioteca de Coimbra, 42.
- Crosas, F. (ed.) (2002). «*Vida y costumbres de los viejos filósofos*». *La traducción castellana cuatrocentista del «De vita et moribus philosophorum», atribuído a Walter Burley*. Madrid, Editorial Iberoamericana Vervuert.
- Keidel, G. C. (1901). "Notes on Aesopic Fable Literature in Spain and Portugal During the Middle Ages". *Zeitschrift für Romanische Philologie*, 25: 721-730.
- Keidel, G. C. (1902). "Notes on Fable Incunabula Containing the Life of Aesop", *Byzantinische Zeitschrift*, 11, 2: 461-467 [Reprint: 2009]
- Keidel, G. C. (1908). "O Livro de Esopo: fabulário português medieval, Lisboa, 1906", *Zeitschrift für romanische Philologie*. Halle: 88-95.
- Knust, H. (1886). *Liber de Vita et moribus philosophorum poetarumque veterum ex multis libris tractus nec non breviter et compendiose per venerabilem virum magistrum Walterum Burley compilatur incipit feliciter*, mit einer altspanischen übertsetzung der

- Eskurialbibliothek herausgegeben vom Tübingen: Bibliothek des litterarischen Vereins in Stuttgart, 177.
- Machado, D. B. de (1752). *Bibliotheca Lusitana, historica, critica e cronologica, na qual se comprehende a noticia dos Authores Portuguezes, e das Obras, que compuserão desde o tempo da promulgação da Ley da Graça até ao tempo prezente, Offerecida à Augusta Magestade de D. João V nosso senhor por Diogo Barbosa Machado III*. Lisboa, Oficina de Ignácio Rodrigues.
- Maia Junior, J.A. (1993). *Fabulário medieval português*. São Paulo, Universidade de São Paulo – Faculdade de Filosofia, Letras e Filosofia Humana.
- Mélanges E. Picot I* (1913). Paris, D. Morand.
- Meyer, P. (1907). “O Livro de Esopo, fabulário português”, *Romania*, 36: 155-156.
- Perry, B.E. [trad.] ([1965] 1990). *Babrius and Phaedrus*. Harvard University Press, The Loeb Classical Library.
- Perry, B.E. (1933). “The Text Tradition of the Greek Life of Aesop”, *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*, 64: 198-244.
- Schaeffer, J.-M. (1995). “Aesopus, auctor inventus”, *Poétique*, 63: 345-364.
- Schoettke, S. (1996). “De la ‘source’ à ‘l’envol’. Ésope et Socrate dans le dispositif liminaire des Fables (1668) de La Fontaine”, *Revue de littérature comparée*, n° spécial “La Fontaine et la fable”: 45-68.
- Dijk, G.-J. van. (1995). “The fables in the green life of Aesop”. *Reinardus*, 8: 131-150.
- Dijk, G.-J. van. (1993). “Theory and Terminology of the Greek Fable”. *Reinardus*, 6: 171-183.
- Vaganay, H. (ed.) (1913). “La mer des Histoires. Vingt fables d’Esopo, traduction en français du XV^e siècle”, in *Mélanges E. Picot* (1913). I. Paris, D. Morand: 67-82.
- Vasconcelos, J.L. de (ed.) (1906). *O Livro de Esopo: fabulário português medieval*. Separata da *Revista Lusitana* (1906), 8 e 9.
- Vincent de Beauvais (1624 [Reprt: (1965). Akademische Druck/U. Verlaktstalt, Graz-Austria]). *Speculum Historiale 2*, Douai, Balthazar Bellère pour les Bénédictins de Douai: 87-90
- West, M.L. (1984). “The Ascription of Fables to Aesop”, in Adrados, F. R. *et alii* (eds.) (1984). *La Fable. Huit exposés suivis de discussions*. Fondation Hardt, Genève: 105-135.

CORPUS DE ANÁLISE

- Calado, A. de A. (ed.) (1994). *Livro de Exopo*. Coimbra: Separata do Boletim Bibliográfico da Biblioteca de Coimbra, 42.
- Mendes da Vidigueira, M. (1643). *Vida e fábulas do insigne fabulador grego Esopo. De novo juntas e traduzidas com breves aplicações morais a cada fábula*. Lisboa, António Alvarez.